

AMBIENTE ESCOLAR, FAMILIAR, E SOCIAL: SUAS INFLUÊNCIAS NA ALFABETIZAÇÃO

*SCHOOL, FAMILY AND SOCIETY ENVIRONMENT: THEIR INFLUENCES
ON LITERACY*

Camila Altmayer¹
Cristina Blauth Dias²
Fernanda Luísa Baum³
Sandra do Nascimento Duarte⁴
Sirilei Aparecida Feron de Moraes⁵
Márcia Beatriz Cerutti Müller⁶

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar a influência dos meios escolares, sociais e familiares na contribuição do processo de alfabetização e letramento, considerando todos como parte fundamental no desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo.

Palavras-chave: Alfabetização. Contexto Social. Influência Familiar.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the influence of school experiences, social and e familiar and how this help on the process of literacy considering all as an important part in the cognitive and social development of the person.

Keywords: Literacy. Social Context. Family Influence.

¹ Bolsista PIBID/FEEVALE – acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Feevale.

² Bolsista PIBID/FEEVALE – acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Feevale.

³ Bolsista PIBID/FEEVALE – acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Feevale.

⁴ Bolsista PIBID/FEEVALE – acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Feevale.

⁵ Bolsista PIBID/FEEVALE – acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Feevale.

⁶ Coordenadora do Projeto Pedagogia - PIBID/FEEVALE – Pedagogia, Psicopedagogia. Mestre em Educação. Professora da Universidade Feevale.

INTRODUÇÃO

Este artigo refere-se ao processo de alfabetização, que é considerado por muitas pessoas, como dever da escola, e dirigido por profissionais da área. O propósito deste trabalho é colocar em discussão a importância do meio social e familiar neste processo. Contatamos que alguns professores alfabetizadores não tem noção da importância da influencia familiar na alfabetização, ou seja, um ambiente que oportunize e instigue esse sujeito à aprendizagem. Procura-se nesse sentido, refletir através de embasamentos teóricos aspectos de motivação para andamento e sucesso desse processo, ressaltando a importância do incentivo dos professores às expressões naturais de conhecimento dos alunos.

Pretende-se com este trabalho abrir a discussão sobre a importância da influência, acima citada, ressaltando a complexidade dessa questão. É preciso que se conheça o contexto em que esta criança está inserida, contemplando os ambientes tanto familiares como social.

1. A FAMÍLIA E A INFLUÊNCIA NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

De acordo com Figueira (2009) a família há muito tempo, foi alfabetizadora das gerações mais novas, lentamente foi perdendo este posto, que se consolidou de forma presente por décadas. Mas com o desenvolvimento das escolas, foram acontecendo mudanças na educação das crianças. Diversas necessidades levaram a mudanças nos papéis femininos e as formas e estruturas familiares, a se modificarem. Diante de uma nova realidade financeira a mulher/mãe, precisou ingressar no mercado de trabalho para ajudar na manutenção da casa, deixando a educação dos filhos sob a responsabilidade da escola.

Com essas mudanças percebemos que as famílias se mantem afastadas desse processo, não por falta de interesse, mas por entenderem que a alfabetização consiste apenas em aprender a ler e escrever.

Enquanto ambos os pais se envolvem mais com o trabalho e a sobrevivência do sistema familiar, devido à falta de recursos para o sustento da família, algumas famílias passaram o cuidado da casa para os idosos e as crianças. Com essa complexidade os problemas e as dificuldades foram surgindo na educação dos filhos. A família é onde a

criança inicia sua vida, um espaço físico e emocional. Não importa como ela é formada e nem por quem, não existem mais modelos prontos, atualmente temos famílias sem pais, onde os avós é que criam os netos, famílias com pai ou mãe, famílias onde os irmãos mais velhos é que a conduzem, famílias de pais adotivos, famílias de duas mães ou dois pais, entre outras. A cada momento ocorrem mudanças na organização familiar devido a problemas internos e específicos de cada lar. Sendo assim, percebe-se a complexidade da inserção da família no processo de alfabetização. É comum presenciar a escola atribuindo a culpa de uma dificuldade de aprendizagem ou de um comportamento inadequado à família.

Paulo Freire (1988) propunha que a leitura de mundo é um processo muito anterior à leitura escrita, formada por uma infinidade de experiências e vivências socioculturais às quais somos sujeitos e imersos.

A família precisa ser e estar incluída no processo. Entende-se que a alfabetização não começa na escola, e muito menos no primeiro ano escolar. A alfabetização inicia-se com a vida, em vida intrauterina, dizem os especialistas da educação. Portanto, não deve ficar designada, somente aos profissionais desta área. É preciso que a família esteja incluída nesta ação.

Seguindo este pensamento, podemos citar Soares (2003, p. 24 apud SOARES, 2004, p. 26) quando coloca sobre letramento:

Um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser de certa forma, letrado. (...) Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda analfabeta, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada.

Segundo Fernandez (1991) para aprender é necessário um ensinante e um aprendiz que entrem em relação. A autora coloca que isto é algo indiscutível quando se fala em métodos de aprendizagem. Quando se trata de problemas de aprendizagem só o aprendiz é que entra em jogo, e acaba-se muitas vezes esquecendo que por ensinante entram o docente, a instituição educativa, como pai, mãe, amigo, avós ou quem esteja investido pelo aprendiz e ou pela cultura para ensinar.

A origem do problema de aprendizagem não se encontra estrutura individual. O sintoma se ancora em uma rede particular de vínculos familiares, que se entrecruzam com uma também particular estrutura individual. A criança suporta a dificuldade, porém, necessária e dialeticamente, os outros dão o sentido (FERNANDEZ, 1991, p. 30-31).

O convívio familiar e suas relações são muito importantes para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, principalmente no que diz respeito à leitura e escrita.

Geralmente quando temos um diagnóstico de dificuldades de aprendizagem deve-se levar em conta os sujeitos envolvidos e o vínculo dos mesmos em relação à criança ou adolescente.

2. ESCOLA E O PAPEL DE “ALFABETIZAR”

Alfabetizar é dar condições para que o aluno tenha acesso ao universo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, mas propiciar as habilidades de codificação e decodificação do princípio de escrita, e, sobretudo, de fazer uso real e certo da escrita, com todas as funções que ela apresenta em nossa sociedade e como ferramenta na luta pela conquista da cidadania.

Anualmente são identificados crianças, dentre as que frequentam escolas, aquelas que, por alguma razão, não conseguem exercer de maneira suficiente as perspectivas da escola, ou dos pais. Comumente, os familiares ou responsáveis por estas crianças são encaminhados no sentido de buscar um profissional a fim de que este possa diagnosticar o "problema da criança" com o desígnio de corrigir as dificuldades presentes.

Os métodos tradicionais estão completamente desintegrados do meio social. Suas finalidades, seus preceitos, suas preferências são diferentes das necessidades reais da criança. A realidade modifica constantemente e as aulas não modificam em tempo e no espaço, sua rotina, vê-se muito falta de salas para propiciar a aprendizagem, bibliotecas com um acervo muito antigo que não estimula com a realidade com que o aluno está presente, alguns professores desmotivados, estressados com alunos no início do ano letivo, repetindo as técnicas de ensino.

Segundo Decroly apud Ferrari (2008) médico formado em medicina na Alemanha e Bélgica, “Convém que o trabalho das crianças não seja uma simples cópia; é necessário que seja realmente a expressão de seu pensamento”. O repetitivo se torna um dos fatores mais decisivos para a conformidade do aluno. Não permanecem apelos à criatividade, ao raciocínio, fica desatento, ai não consegue assimilar o conteúdo. O aluno não consegue resultados satisfatórios, e com isso sendo rotulados de problemas ou alunos indisciplinados, sem concentração.

A alfabetização deve partir de um conjunto de desejo de aprender, desejo de ensinar, e ensinar algo que seja relevante ao aluno de acordo com a cultura em que se encontra inserido. Questionamentos que deveriam surgir: Para qual sociedade? Como é a sua família? Tem acesso aos livros? Os responsáveis estão juntos incentivando? Como é o seu dia a dia? Buscando assim tornar o processo interessante e significativo. Bossa (2000, p. 54) contribuiu ao afirmar que “às vezes, para entender uma matéria, a criança necessita aprender coisas que ainda não lhe ensinaram, e só depois de aprender essas coisas é que consegue entender o que a professora diz”, portanto conhecer a realidade.

Decroly apud Ferrari (2008) ressalta “O meio natural é o verdadeiro material intuitivo capaz de estimular forças escondidas da criança”. O autor quer nos dizer que o ensino seja apropriado aos interesses da criança e julga útil a aproximar a vida à escola e ensinar a criança a agir, trabalhar em harmonia com o coletivo, acredita que o jogo é a maneira mais natural de despertar na criança atenção para a atividade.

Segundo Jolibert (1994, p. 36) “Cada criança possa seu caminho próprio; é preciso que ela viva as situações de aprendizagem que lhe permitam ao mesmo tempo ter referenciais constantes e construir suas próprias competências”. É construindo, fazendo, que se aprende, sistematizando suas descobertas, é essencial que a criança saiba o que está fazendo e porque o faz e assim vai construindo sua autonomia, sua aprendizagem.

3. CONVÍVIO SOCIAL E ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é vista como uma forma de inserção na sociedade, sem que haja nenhum tipo de exclusão. Todos os grupos sociais passam por este processo, de acordo com a sua cultura e particularidades.

Existe, naturalmente, uma herança cultural que deve ser preservada, assim como maneiras de falar e escrever corretas e incorretas. Mas tal herança é parcial. Não contempla as culturas silenciadas – mulheres, classes populares, minorias, grupos perseguidos –, nem aspectos peculiares e universais de outras culturas, cujo o conhecimento é cada vez mais necessários. Ademais, tal herança é de fato relida, reinterpretada e incorporada por cada geração de um modo e a partir de um contexto diferente (FRAGO, 1993, p. 114-115).

No processo de alfabetização e letramento, transpõe-se a cultura do lar e da sociedade para a escola, as relações sociais das crianças formulam as relações de

funcionamento da língua escrita e falada. O convívio social proporciona experiências únicas e que favorecem a formação de padrões de comportamento que se mantêm ao longo da vida do indivíduo. No momento em que chega à escola, a criança já traz consigo toda uma gama de conhecimentos a respeito do mundo e de si mesma. A sociedade lhe imprime uma série de valores no dia-a-dia de sua vida.

Segundo Soares (2001, p. 72) “letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”, tendo em vista que o desenvolvimento da criança acontece com a interação do ambiente que a cerca, a experimenta em seu meio, as relações sociais ali existentes e formula hipóteses sobre o funcionamento da língua e as testa em novos encontros sociais.

“As práticas sociais podem chegar a agregar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascerem formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento” (p.8 Foucault). Trata-se assim, de um sujeito que se constrói no interior da história e que está, inexoravelmente, conectado a ela. Trata-se também, aqui de uma concepção em que, segundo Veiga-Neto (1999), não apenas o sujeito enraíza-se, mas os próprios conceitos de sujeito é uma invenção historicamente determinada. (KUENZER et al, 2001, p. 31-32).

A escola recebe crianças de diferentes culturas, com experiências variadas, em nível de desenvolvimento diferente, mas tem um único propósito: alfabetizar estes alunos. De acordo com Ferreiro (2001, p. 111).

A escola pública obrigatória, que cumpriu a função de construir cidadãos, é uma escola que lutou contra a diversidade. Se os indivíduos eram iguais perante a lei, a escola tinha de considerá-los iguais e homogeneizá-los.

Ao propor uma única maneira de falar, a escola, aos poucos foi destruindo a cultura falada dessas crianças, pois acreditavam que para formar cidadão, deviam-se eliminar as diferenças. Ao contrário disso, deveriam ter se aproveitado as diferenças e explorá-las didaticamente, e é isto que temos defendido hoje em dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tem como intuito instigar à problemática do processo de aprendizagem, trazendo questões pertinentes a vivência da criança no meio que está inserida, afim de que aconteça uma reflexão. Faz-se necessário um olhar mais detalhado acerca dessa observação, onde não se pretende culpabilizar um só meio e sim encontrar formas eficazes para esse problema, entendendo que ainda estamos longe do ideal de letramento e alfabetização, mas tomando a consciência de que isso não se dá apenas em sala de aula.

O “Aprender” surge no seio de um vínculo humano, que inicia nos primeiros contatos entre mãe, pai e filho, sendo assim, a antecipação humana atribui a outro adulto para que a criança, aprendendo e crescendo, possa viver. A aprendizagem é um processo que se dá envolvendo os vínculos e a ludicidade, inicia-se no corpo, no tocar, no acariciar, no contato, firmando assim os vínculos.

Mesmo antes das crianças chegarem à escola, podemos perceber que algumas crianças vivem em ambientes letrados, trazendo consigo uma grande bagagem de conhecimento sobre a leitura e a escrita, que de acordo com a vivência familiar e social este conhecimento é variável, pois depende de que modo a escrita é usada pela família e seu meio. Perante esta situação, cabe a família dar oportunidades e estimular a curiosidade da criança para buscar conhecer e descobrir o universo tanto da leitura como o da escrita. O meio social onde esta criança está inserida pode se tornar um ambiente alfabetizador ativo. Portanto, o meio social, familiar e escolar ao estabelecer relações entre suas atitudes perante esta criança, auxiliará e muito para os processos de alfabetização e de letramento.

Ao ser proporcionado a criança um ambiente familiar alfabetizador rico, ela apresenta maior interesse na aprendizagem tanto da leitura como da escrita, prevenindo assim o fracasso escolar das crianças que comprometem seu desenvolvimento nas habilidades de leitura e escrita e limitam suas oportunidades educacionais.

Torna-se necessário que as crianças estejam preparadas para enfrentar com sensibilidade as derrotas e os fracassos que sempre estarão presentes em nossas vidas. Aprender a reconhecer os erros, encarar todos os desafios e aprender com eles. No processo de alfabetização e letramento, o diálogo é de extrema importância na construção do conhecimento da leitura e da escrita, principalmente se todos os meios – escolar, social e familiar - no qual a criança está inserida explanar interesse por ela e pelo seu aprendizado, incentivar e dar condições para que continue frequentando a escola.

REFERÊNCIAS

BOSSA, N. A. **Dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1991.

FERRARI, Márcio. Pedagogia: Ovide Decroly. In: **Revista Nova escola**. 2008. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/ovide-decroly-307894.shtml>>. Acesso em: 02 mar. 2011.

FERREIRO, E.; CASTORINA, J. A.; GOLDIN, D.; TORRES, R. M. **Cultura escrita e educação: conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa María Torres**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

FIQUEIRA, J. C. **Alfabetização: a influência da família e do contexto social**. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1300/1111>>. Acesso em: 30 abr. 2011.

FRAGO, A. V. **Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1993.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

JOLIBERT, Josette (org). **Formando crianças produtoras de textos**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.

KUENZER, A. Z.; THERRIEN, Â. T. S.; SANTOS, D. R.; THERRIEN, J. **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SOARES, M. B. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, n. 29, fev. 2004.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.